

MATERIAL DIDÁTICO

Programa Educativo
Fundação Iberê Camargo

Joaquín Torres García

geometria, criação, proporção

O jovem não se cansava de observar tudo o que estava lá. E a avó, que era quem cuidava de tudo aquilo, não podia acreditar que ele se admirasse de todas aquelas coisas tão vulgares: os garrafões de grosso vidro azul, a candeia, as colheres de madeira, as louças e as panelas de barro, os cântaros; tudo tão diferente das coisas industriais de seu país.¹

Joaquín Torres García nasceu pintor em uma família de comerciantes e carpinteiros, no ano de 1874, em Montevideu, capital uruguaia. Sem jamais ter contato com a arte, exceto a *do pobre museu montevideano ou a má pintura italiana de então*², foi a curiosidade pelas “coisas tão vulgares” que levou Torres García a buscar formação artística. Em Barcelona, onde foi morar com sua família em 1891, frequenta a Academia de Belas Artes e ingressa no Círculo Artístico de Saint Luc. Nesse período, a convivência com jovens de espírito rebelde e antiburguês, entre eles Picasso e Sunyer, oportunizou-lhe conhecer uma estética ainda incipiente em sua cidade natal. Ao tomar como referência uma tendência mais decorativa e menos figurativa, ao estilo dos grandes *cartelistas*³, Torres García vai na contramão do que pregava a maioria dos artistas da época, cujos trabalhos seguiam vinculados aos preceitos do movimento impressionista.

1 DÍAZ, Alejandro. Joaquín Torres García. Integridade da arte. In: **Joaquín Torres García** – geometria, criação, proporção. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2011, p. 13.

2 Disponível em: http://www.torresgarcia.org.uy/uc_58_1.html.

3 “Com a Segunda Guerra Mundial, o *cartelismo* passou a ser uma mídia fundamental de propaganda em diversos países, tendo envolvido um autêntico exército de artistas gráficos, desenhistas e pintores e alcançado elevados níveis de qualidade e valor estético”. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/emfoco/emfoco.asp?id=20046>.

Em artigo publicado em 1906, o artista uruguaio estabeleceu os princípios que permeariam sua produção artística. Para Torres García, a arte não deveria imitar a realidade, e tampouco limitar-se a representar o perceptível. Essa postura faria com que ele se tornasse um dos protagonistas da vida cultural barcelonesa daquele começo de século, em especial, do movimento novecentista catalão, que pregava o retorno ao classicismo e uma arte enraizada na tradição mediterrânea. Nesse período, que se estende até 1915, Torres García defende uma noção de arte ligada às raízes dos povos; para ele, a arte de cada povo teria que estar de acordo com sua terra e suas tradições.

A partir de 1916, embora sem romper totalmente com seu trabalho anterior, o artista assimila as ideias modernistas que ganhavam cada vez mais espaço em território europeu. Por meio de uma ordem mais plástica do que representativa, e respeitando o caráter plano da pintura, a dinâmica da cidade moderna ganha forma em sua obra. Além disso, um uso bastante particular da cor começa a constituir-se como uma das marcas do trabalho de Torres García, que privilegia composições cromáticas, valorizando as cores primárias, em detrimento do realismo pictórico.

É nesta época que o artista inicia sua produção de brinquedos em madeira, que culminaria com a criação da fábrica *Alladin*, em Nova York, para onde se muda com a família em 1920. Nos Estados Unidos, fascina-se ainda mais com o tema da metrópole; escreve inúmeros artigos sobre a cidade norte-americana e pinta obras que retratam o dinamismo urbano que tanto o impressionava. Após cinco anos vivendo em Nova York, estabelece-se em Paris, onde mantém um vínculo com os principais representantes da arte moderna. Já reconhecido pela crítica de então, Torres García pinta seu primeiro quadro construtivo em 1929. No período subsequente, participa de inúmeras exposições em Paris, Barcelona e Amsterdam, junto a artistas como Mondrian, Picasso, Mirò, Max Ernst e Alexander Calder, consolidando sua poética construtivista.

Aos sessenta anos de idade, retorna ao Uruguai, com o objetivo de impulsionar a criação e a valorização de uma arte própria da América Latina baseada no construtivismo. Suas maiores contribuições, nesse sentido, foram a criação do *Taller Torres García* (Ateliê Torres García), um espaço coletivo de trabalho e aprendizagem, e a publicação do livro *Universalismo Constructivo*, o qual reúne as 150 conferências dadas pelo artista desde seu retorno ao país.

Marido de Manolita Piña de Rubiés e pai de quatro filhos (dois meninos e duas meninas), Torres García faleceu em 1949. Como ele próprio afirmou, foi um homem e um artista que viveu muito mais em um mundo idealizado, um mundo “de brinquedo”, do que no mundo real. *Para mim, é uma verdade inegável a de que, detrás da aparência do real, há outra realidade que é a verdadeira, e que não é outra coisa que aquilo que chamamos de espírito.*⁴

**Programa Educativo
Fundação Iberê Camargo**

⁴ DÍAZ, Alejandro. Joaquín Torres García. Integridade da arte. In: **Joaquín Torres García** – geometria, criação, proporção. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2011, p. 15.

Material Didático

O material inclui:

10 pranchas informativas com a reprodução de obras da exposição “Joaquín Torres García – geometria, criação, proporção”. A seleção foi realizada pelos curadores Alejandro Díaz e Jimena Perera, a fim de que o material contemplasse uma mostra significativa das obras presentes na exposição. Em cada prancha, há informações sobre a obra em questão, assim como o item “Para pensar”, no qual são sugeridos tópicos e indagações para discussão em sala de aula.

Breve texto sobre vida e obra do artista, complementar às informações trazidas nas pranchas.

Atividades que tratam de aspectos tanto formais, como poéticos, visando à experimentação artística por parte dos alunos.

Glossário exploratório dos principais termos e conceitos trazidos pela exposição.

Atividades

Sugerimos, aqui, algumas atividades a partir da exposição Joaquín Torres García – geometria, criação, proporção. As propostas não estão organizadas por faixa etária, cabendo ao professor escolher aquelas que julgar mais adequadas ao grupo com o qual irá trabalhar.

Geometria

1. Peça aos alunos que escolham um objeto presente na sala de aula e registre-o por meio de um desenho de observação. Depois de realizada essa atividade, os alunos deverão sintetizar esse mesmo objeto, se possível, somente a partir de formas geométricas, buscando manter o “essencial” da forma.

2. *O livro da natureza está escrito em caracteres matemáticos*, disse o italiano Galileu Galilei. Sua afirmação evoca a geometria como grande metáfora universal. A partir de uma foto de paisagem natural (esta pode ser retirada de jornais ou revistas), peça aos alunos que a reproduzam em um desenho, valendo-se apenas das formas geométricas: *quadrado, triângulo, círculo e retângulo*.

Criação

1. Peça a cada aluno que pense em três símbolos que ele acredita representar a turma. Após este primeiro momento, faça uma apuração e veja quais foram os símbolos mais frequentes. Os alunos, conjuntamente, deverão eleger três deles, a fim de criar uma espécie de “logotipo” para o grupo. Também é interessante, neste caso, propor uma atividade de criação textual (de qualquer gênero textual: narrativa, crônica, poesia), a partir das três formas simbólicas que deram origem ao “logotipo”; uma espécie de texto de apresentação da turma.

2. O tema das cidades é frequente na obra de Torres García, sobretudo nos trabalhos desenvolvidos entre 1910 e 1930. Em suas pinturas, o artista buscava sintetizar aquilo que, para ele, era mais significativo na paisagem urbana. Ao tomar como exemplo o bairro onde vivem, os alunos farão uma lista de dez elementos que utilizariam para descrevê-lo (Praça São João, Figueira, Padaria do José, Shopping Zona Norte). Pronta a lista, eles deverão reunir-se com colegas do mesmo bairro ou zona e criar uma “síntese” daquele lugar. Pode ser por meio de poesia, música, peça de teatro, criação plástica, etc. O importante é que pensem a identidade do local a partir de alguns elementos-chave.

Proporção

*Ao desenharmos, não levamos em conta a dimensão dos objetos tal como estão relacionados com a realidade (aqui uma garrafa e um homem podem ter o mesmo tamanho), pois esta dimensão relativa (real) não nos interessa. Interessa-nos ou pode nos interessar se **a dimensão marca hierarquia**; quer dizer, se tem significado; mas, sobretudo, a **dimensão nos interessa como proporção**.⁵*

1. A partir das afirmações de Torres García sobre dimensão/proporção, reúna a turma em grupos e peça que cada um deles escolha uma temática para desenvolver plasticamente em uma folha de papel *craft* (papel pardo). O tema a ser escolhido é livre, assim como os materiais a serem utilizados (tinta, canetinha, giz de cera, colagem). A atividade consiste na proposição de hierarquias entre determinados signos, de forma a transmitir uma ideia. Por exemplo, se o grupo quer fazer uma crítica à “virtualização das amizades”, poderá representar um *mouse* de computador em uma dimensão superior à das pessoas a sua volta.

5 TORRES GARCÍA, Joaquín. Disponível em: http://www.torresgarcia.org.uy/uc_70_1.html.

2. A presença de linhas horizontais e verticais nos quadros de Torres García deve-se, em grande parte, à influência que o *neoplasticismo* de Piet Mondrian teve em seu trabalho. A partir da construção de uma espécie de grade (utilizar como exemplos as pranchas *Constructif dedique a Manolita* e *Estructura*), o artista uruguaio distribuía pictogramas em seu interior, isto é, desenhos simplificados que representavam, segundo ele, uma determinada ideia. Em uma folha de papel canson ou sulfite, peça aos alunos que criem uma grade e a preencham com desenhos e recortes de jornal e revista. Eles deverão dar um nome à obra apresentá-la à turma. O importante nessa atividade é que os elementos sejam distribuídos harmonicamente na grade.

Glossário

Arte abstrata: movimento artístico ligado às vanguardas europeias das décadas de 1910 e 1920 que buscava distanciar-se da herança renascentista da arte. Caracteriza-se pela decomposição da figura, pela simplificação da forma e pelos novos usos da cor, em detrimento de uma representação de mundo baseada na figuração ou imitação.

Abstracionismo geométrico: variante da arte abstrata. No abstracionismo geométrico, as formas e as cores estão submetidas ao rigor geométrico. A organização dos elementos formais é feita com base em composições matemáticas. Diferentemente do abstracionismo informal, que se preocupa em expressar emoções, a abstração geométrica dá vazão a conceitos e valores intelectuais da arte.

Neoplasticismo: termo criado pelo artista holandês Piet Mondrian para designar uma arte abstrata e geométrica. O neoplasticismo propõe uma outra forma de expressão, ao defender o abandono da pintura de caráter representativo. A partir da linha reta, do retângulo e do uso das cores primárias (azul, vermelho e amarelo), além do preto, branco

e cinza, as pinturas, dentro dessa linguagem estética, buscavam atingir uma visão impessoal e objetiva da arte.

Movimento Novecentista: vertente artística de renovação intelectual e estética que ansiava por uma Catalunha (região situada no nordeste da Espanha) independente, sustentada por seu passado greco-latino. O movimento defende um retorno ao classicismo e uma arte enraizada na tradição mediterrânea.

Universalismo construtivo: linguagem estética desenvolvida por Torres García, cujo objetivo é alcançar uma arte universal através do valor simbólico da forma. Os símbolos (relógio, coração, triângulo, peixe), organizados dentro de estruturas ortogonais, representam o conceito de homem universal e conferem às pinturas um sentido metafísico, transcendental. A obra é entendida como uma construção que requer um projeto, uma concepção. Assim, os elementos são dispostos em grades geométricas de maneira a preencher todo o espaço branco da tela.

Referências

ADES, Dawn. **Arte na América Latina**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1997.

DÍAZ, Alejandro. Joaquín Torres García. Integridade da arte. In: **Joaquín Torres García – geometria, criação, proporção**. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2011.

FLÓ, Juan. Torres García 1915-1922. Alguns enigmas. In: **Torres García: traços de Nova York**. Rio de Janeiro: Caixa Cultural/ Museo Torres García/ Artepágina, 2010.

_____. Torres García em (e de) Montevideu. In: **Joaquín Torres García – geometria, criação, proporção**. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2011.

KERN, Maria Lúcia Bastos. O mito da cidade moderna e a arte: Torres-García e Xul Solar. In: **Estudos Ibero- Americanos**. PUCRS, v. XXX, n. 2, dez/2004.

_____. Joaquín Torres García: a arte como lugar da utopia e do mito. In: **Joaquín Torres García – geometria, criação, proporção**. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2011.

TERRA, Fernanda. Traços de Torres García. In: **Torres García: traços de Nova York**. Rio de Janeiro: Caixa Cultural/ Museo Torres García/ Artepágina, 2010.

TORRES GARCÍA, Joaquín. **De lo aparente y lo concreto en el arte**. Montevideo, UR: Asociación de Arte Constructivo/ Taller Torres García, 1947.

_____. **Escrits sobre art**. Barcelona, ES: Edicions 62, 1980.

_____. **Universalismo constructivo**. Madrid, ES: Alianza, 1984.

Internet

www.artenaescola.org.br

www.cultura.gov.br

www.iberecamargo.org.br

www.itaucultural.org.br

www.museuparatodos.com.br

www.torresgarcia.org.uy

Material Didático exposição Joaquín Torres García – geometria, criação, proporção: Concepção e textos Laura Habckost Dalla Zen e Cristina Yuko Arikawa **Projeto Gráfico e Diagramação** Marília Ryff-Moreira Vianna e Rosana de Castilhos Peixoto **Impressão** Gráfica Trindade **Tiragem** 500 unidades **Agradecimentos** Alejandro Díaz, Jimena Perera, Laura Cogo e Carina Dias.



Fundação **Iberê Camargo**

Fundação Iberê Camargo

Conselho de Curadores

Beatriz Johannpeter
Bolívar Charneski
Carlos Cesar Pilla
Christóvão de Moura
Cristiano Jacó Renner
Felipe Dreyer de Avila Pozzebon
Jayme Sirotsky
Jorge Gerdau Johannpeter
José Paulo Soares Martins
Justo Werlang
Lia Dulce Lunardi Raffainer
Maria Coussirat Camargo
Renato Malcon
Rodrigo Vontobel
Sergio Silveira Saraiva
William Ling

Presidente de Honra

Maria Coussirat Camargo

Presidente Executivo

Jorge Gerdau Johannpeter

Vice-Presidente

Justo Werlang

Diretores

Carlos Cesar Pilla
Felipe Dreyer de Avila Pozzebon
José Paulo Soares Martins
Rodrigo Vontobel

Conselho Curatorial

Fábio Coutinho
Gabriel Pérez-Barreiro
Icleia Borsa Cattani
Jacques Leenhardt

Conselho Fiscal (titulares)

Anton Karl Biedermann
Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna
Pedro Paulo de Sá Peixoto

Conselho Fiscal (suplentes)

Gilberto Bagaiolo
Gilberto Schwartzmann
Ricardo Russowski

Superintendente Cultural

Fábio Coutinho

Equipe Cultural

Adriana Boff
Carina Dias de Borba
Laura Cogo
Pedro Mendes

Equipe de Acervo e Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert
Alexandre Demetrio
Elisa Malcon
José Marcelo Lunardi

Equipe Educativa

Laura Habckost Dalla Zen
Cristina Arikawa

Mediadores

André Fagundes
Carolina Vargas
Caroline Weiberg
Cristina Morassutti
Diego Farina
Fabrício Teixeira
Iara Collet
Jerônimo Milone
Kelly Martinez
Lívia dos Santos
Lucas Lima Fontana
Rafael Araújo
Romualdo Correa
Taila Idzi

Equipe Catalogação e Pesquisa

Mônica Zielinsky
Talita Bueno Motter

Superintendente

Administrativo/Financeiro

Rudi Araujo Kother

Equipe Administrativa/Financeira

José Luis Lima
Ana Paula do Amaral
Barbara Nicolaieswsky
Carolina Miranda Dorneles
Igor Monteiro Bulow
Joice de Souza
Maria Lunardi
Roberto Ritter

Equipe de Comunicação

Elvira T. Fortuna
Lucianna Silveira Milani

Website

Luisa Fedrizzi
Bruno Mattos

Assessoria de Imprensa

Neiva Mello Assessoria em Comunicação

Consultoria Jurídica

Ruy Rech

Av. Padre Cacique 2.000
90810-240 | Porto Alegre RS Brasil
tel [55 51] 3247-8000

Agendamento tel [55 51] 3247-8001
educativo@iberecamargo.org.br
www.iberecamargo.org.br

Saiba como patrocinar a Fundação Iberê Camargo, entre em contato: pelo fone (51) 3247.8000 ou pelo e-mail institucional@iberecamargo.org.br

Exposição

Joaquín Torres García – geometria, criação, proporção

Curadoria

Alejandro Díaz
Jimena Perera

Artista

Joaquín Torres García

Identidade Visual

Marília Ryff-Moreira Vianna

Patrocínio



GERDAU



Vonpar

de lage landen



PETROPAR

Apoio



Museo Torres García

Financiamento



MINISTÉRIO DA CULTURA



GOVERNO FEDERAL



Joaquín Torres García

La Filosofía décima Musa, 1913
115 x 74,5 cm
afresco
col. Museo Torres García
foto: Museo Torres García



Arquitectura com figuras clásicas, 1914
62 x 45 cm
têmpera sobre cartão
col. Museo Torres García
foto: Museo Torres García

A produção de Torres García, nas duas primeiras décadas do século XX, esteve fortemente enraizada à arte clássica. Os ideais de proporção e ordenação, baseados em regras geométricas que serviram de base para a arte ocidental, faziam-se presentes, em especial, nos murais que Torres García fora convidado a pintar na *Diputación* (Assembleia Legislativa) de Barcelona. Entretanto, não se tratava de pensar o clássico como um modelo acadêmico a ser seguido. Ao partir do pressuposto de que somente dentro de uma tradição era possível ser original¹, Torres García pretendia dar um caráter atemporal aos afrescos (pinturas realizadas diretamente nas paredes) encomendados pela *Diputación*. Ele acreditava que, por estarem em permanente diálogo com a arquitetura, os murais deveriam ser algo que resistisse ao tempo. Era nesse sentido que buscava nos clássicos a inspiração para uma poética que se pretendia universal, humana e eterna.

O desejo por um conteúdo universal era o preâmbulo do que ficou conhecido, anos mais tarde, como *universalismo construtivo*- quando Torres García enfatiza, mais do que nunca, o valor simbólico da forma. Isso, de alguma maneira, já se fazia presente nos murais, o que ocasionou discussões sobre a “validade” do trabalho do artista. A opção pela figuração plana e por cores suaves despertou críticas daqueles que valorizavam uma pintura com encantos ornamentais. O barulho foi grande. Sem finalizar os afrescos, em função do rompimento do contrato com a administração pública, Torres García repensa sua produção artística. A crise, por fim, serve como catalisador para a afirmação de um *estilo próprio moderno, espontâneo, livre*.²

1 TORRES GARCÍA, Joaquín. **Escritos sobre art**. Barcelona, ES: Edicions 62, 1980.

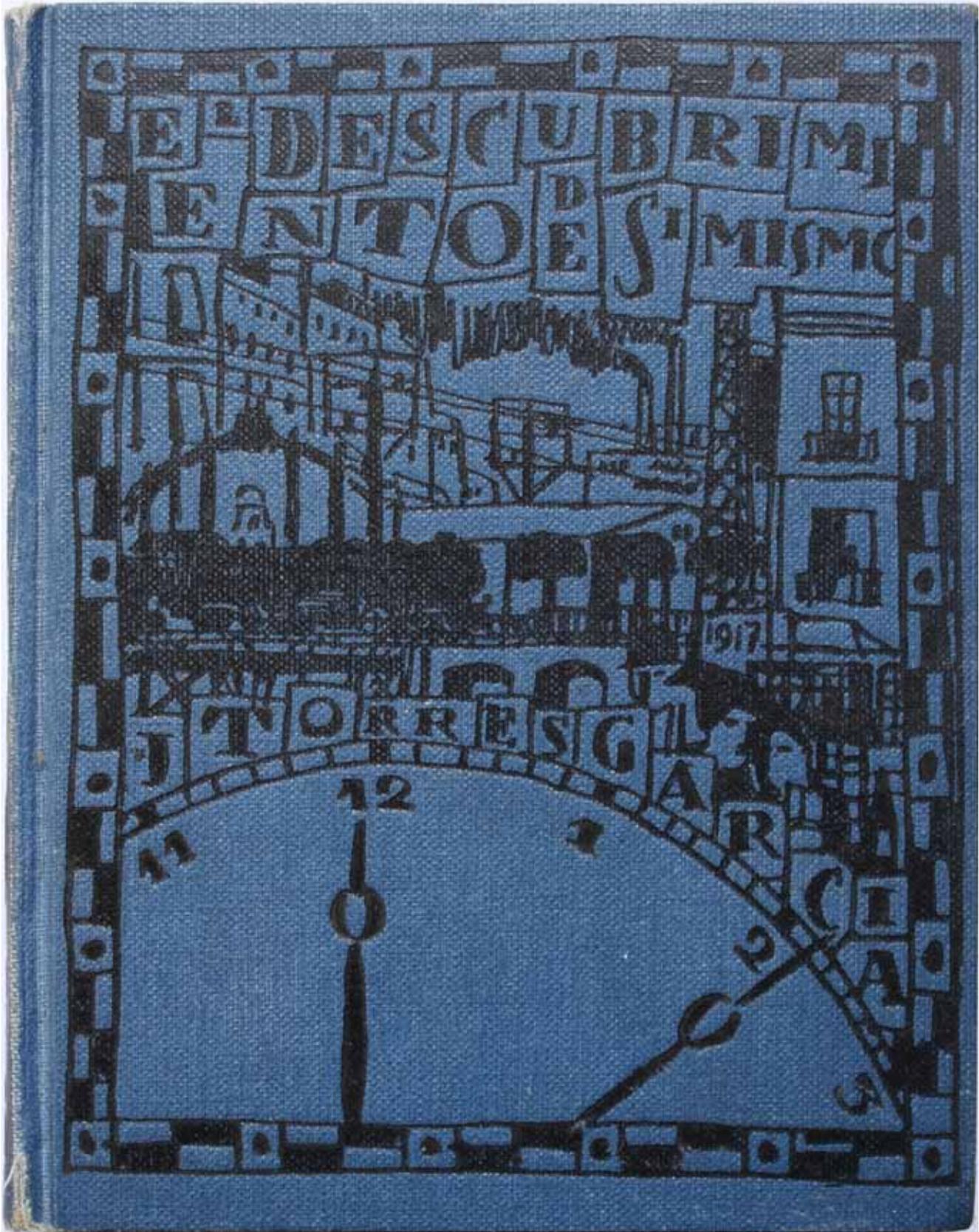
2 TERRA, Fernanda. Traços de Torres García. In: **Torres García**: traços de Nova York. Rio de Janeiro: Caixa Cultural/ Museo Torres García/ Artepávilla, 2010, p. 19.

Para pensar

Torres García acreditava que somente dentro de uma tradição era possível ser original. O que você entende por essa afirmação? Como ela pode ser pensada ao tomar como exemplo outras linguagens artísticas?

Pense e discuta com seus colegas em que outras situações, a exemplo das pinturas murais, é possível perceber o diálogo entre arte e arquitetura.





Joaquín Torres García

livro *El descubrimiento de sí mismo*, 1917
12 x 15 x 2 cm
livro
col. Museo Torres García
foto: Museo Torres García

Para pensar

Nos "autodescobrimos" inúmeras vezes ao longo da vida. Mudamos de opinião, de "tribo", de gosto musical. Pense em uma mudança significativa pela qual você passou, preferencialmente daquele tipo que causou espanto nas pessoas à sua volta. Procure uma maneira de mostrar essa mudança à turma sem utilizar a linguagem verbal, evidenciando seu "autodescobrimento" por meio de outro tipo de expressão.

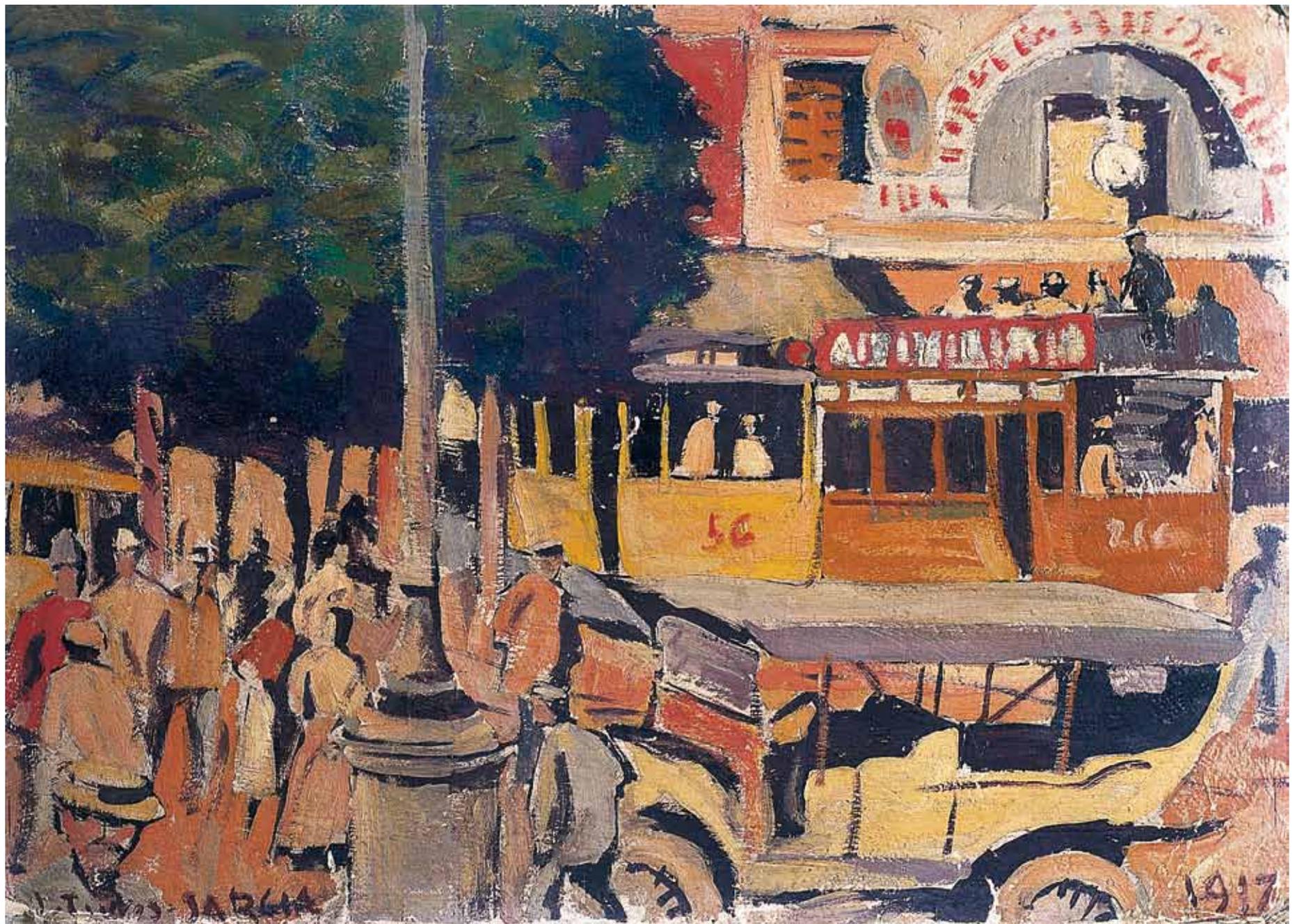
A publicação do livro *El descubrimiento de sí mismo*, escrito por Torres García, marcou um importante período de transição na carreira do artista. O ideal de uma arte baseada na tradição mediterrânea é abandonado, e Torres García deixa de ser um dos protagonistas do *movimento novecentista* catalão. O estilo clássico dá lugar a uma pintura original e dinâmica, fundamentada na subjetividade do artista e cuja intenção era a de se chegar a uma arte universal. *O pessoal, o íntimo nas coisas do mundo deve revelar-nos o transcendental do que constantemente temos diante dos olhos.*¹

Torres García, então, direciona o olhar às coisas simples à sua volta. Tudo lhe parece interessante: *fragmentos de objetos, um pedaço de terra, um céu, o ângulo da porta, a fachada de uma casa...*² A cidade também surge como importante fonte de inspiração. Locomotivas, barcos, ruas e fábricas tornam-se figuras frequentes no trabalho do artista, principalmente nos desenhos e brinquedos de madeira. Na Espanha, porém, onde então residia com sua família, não vislumbrava um caminho possível para suas ideias. Em 1920, decide partir com sua esposa e filhos rumo aos Estados Unidos, a fim de encontrar a modernidade que lhe permitiria, como ele mesmo disse, desenvolver sua nova arte.

1 TORRES GARCÍA, Joaquín. In: FLÓ, Juan. Torres García 1915-1922. Alguns enigmas. **Torres García**: traços de Nova York. Rio de Janeiro: Caixa Cultural/ Museo Torres García/ Artepådilla, 2010, p. 59.

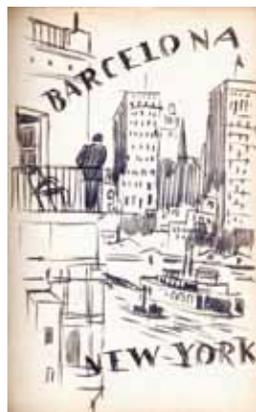
2 TORRES GARCÍA, Joaquín. In: TERRA, Fernanda. Traços de Torres García. **Torres García**: traços de Nova York. Rio de Janeiro: Caixa Cultural/ Museo Torres García/ Artepådilla, 2010, p. 19.





Joaquín Torres García

Calle de Barcelona, 1917
50 x 70 cm
óleo sobre cartão
col. Museo Torres García
foto: Museo Torres García



manuscrito *Hechos*, 1919
14 x 10 cm
nanquim sobre papel
col. Museo Torres García
foto: Museo Torres García

A cidade moderna se descortina como um modelo plástico para o artista¹, em especial na segunda década do século XX. Em suas caminhadas por Barcelona, muitas delas acompanhadas do também artista uruguaio Rafael Barradas, Torres García observou e captou o dinamismo da cidade e suas transformações. As cores, os letreiros, mas, principalmente, a velocidade imprimida pela sociedade industrial, tornam-se a chave com a qual o artista acessaria o modernismo, embora sem romper totalmente com sua obra anterior. Maria Lúcia Kern comenta que a cidade se constitui como o espaço privilegiado para criar a estética da modernidade, visto que ela proporciona novas percepções a respeito das noções de espaço e tempo, permitindo aos artistas absorverem no seu fluxo incessante de mudanças os signos dos novos tempos.² É esse espaço pulsante que motiva Torres García a romper com o modelo clássico para realizar uma nova arte; nos termos do artista, a sua nova arte.³

A linguagem da pintura moderna pode ser percebida em *Calle de Barcelona*. Por meio de uma ordenação mais ou menos estruturante, o artista busca enfatizar o valor essencial das coisas, sem deter-se muito nos aspectos dramáticos e poéticos da pintura. A distribuição dos personagens em cena, assim como a escolha da palheta de cores, são decisões mais de ordem plástica do que ligadas a um realismo pictórico. Nessa pintura, o que importa não é a expressão dos transeuntes ou o detalhe das fachadas comerciais, mas a síntese das novas realidades que se estabeleciam no organismo vivo que são as cidades.

1 TERRA, Fernanda. Traços de Torres García. In: **Torres García**: traços de Nova York. Rio de Janeiro: Caixa Cultural/ Museo Torres García/ Artepádiva, 2010, p. 20.

2 KERN, Maria Lúcia Bastos. O mito da cidade moderna e a arte: Torres-García e Xul Solar. In: **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXX, n. 2, dez/2004, p. 67.

3 *Idem* Nota 1.

Para pensar

Quando chegamos em uma cidade ou até mesmo em um bairro pela primeira vez, dirigimos um olhar especial para o nosso entorno. Já em relação àqueles lugares que nos são familiares, muitas vezes detalhes interessantes passam despercebidos. Procure, nos próximos dias, prestar atenção no trajeto de sua casa até a escola. Escolha um elemento até então “desconhecido” por você e registre-o por meio de uma de fotografia, desenho ou texto, e apresente aos colegas. Quais as imagens mais recorrentes? Elementos arquitetônicos, anúncios publicitários, paisagem natural, pessoas em atividades rotineiras, etc.?





Joaquín Torres García

New York, 1920
66 x 96 cm
óleo sobre cartão
col. Galería de las Misiones
foto: Carly Angenscheidt Lorente



Fotocromia da *Mulberry Street*, na *Little Italy* (Manhattan), c. 1900.

*Mil produtos da indústria, em caixas, latas, pacotes e letras – e mais letras – letras e números. Organização, maquinismo – telégrafo, telefone – abreviação – relógio – botão elétrico – indicadores – cifras e letras – e mais letras e cifras. NY: um gigante, inimaginável casa de comércio.*¹ Assim que chegou a Nova York, em junho de 1920, Torres García foi tomado pela modernidade da metrópole norte-americana. As luzes, o colorido dos estabelecimentos, as grandes fachadas com letreiros; tudo o atraía naquela que chamava de *a cidade mais cidade*. O dinamismo urbano se tornaria um dos principais temas das pinturas, textos e colagens que produziria ao longo dos dois anos em que viveu nos Estados Unidos. Em *New York*, a disposição dos elementos – um aglomerado de carros, anúncios publicitários e prédios comerciais – é o que dá movimento à obra. A cidade pulsa em uma atmosfera acidentada.

Esse encantamento inicial pelo dinamismo da metrópole, porém, deu lugar a uma crítica frente ao *american way of life* e à sociedade materialista que lhe é correlata. Torres García chegou a chamar Nova York de *chewing gum country* (país do chiclete), onde tudo é padronizado e o dólar a medida de todas as coisas. É nessa época que Torres García percebe a importância da construção de uma arte baseada em um sentido universal, mais humanista. O artista, então, retorna à Europa, um ambiente considerado por ele menos mecanizado. Ali produziria suas primeiras obras construtivistas.

1 TORRES GARCÍA, Joaquín. In: TERRA, Fernanda. *Traços de Torres García*. **Torres García**: traços de Nova York. Rio de Janeiro: Caixa Cultural/ Museo Torres García/ Artepágina, 2010, p. 23.

Para pensar

Em *New York*, Torres García busca reunir, em uma única pintura, tudo o que para ele caracteriza Nova York. E você? Como faria para sintetizar a cidade onde mora? Que elementos melhor representam esse lugar?

Quando Torres García pinta, em 1920, *New York*, há quase um século a técnica da fotografia já era conhecida. Com o advento dessa técnica, muitos proclamaram o fim da pintura, o que, como todos sabemos, não ocorreu. Ao tomar como exemplo as imagens da lâmina, discuta com seus colegas as particularidades e os limites da pintura e da fotografia. Por que, apesar da praticidade das câmeras digitais, a pintura permanece?

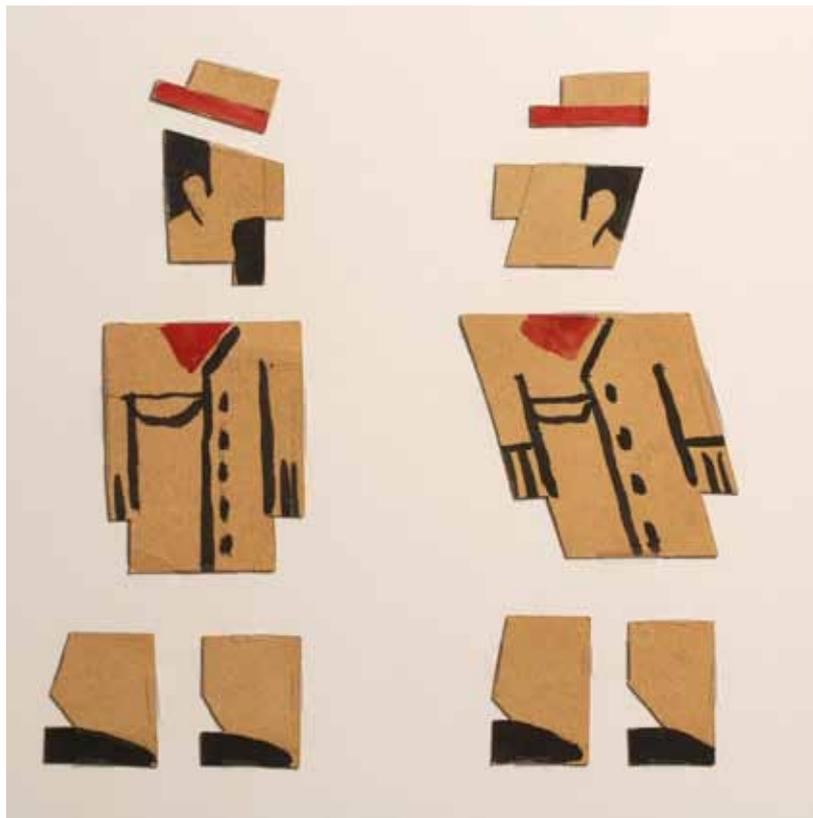




Joaquín Torres García

Ferroviano, 1921/22
36,5 x 10 x 5,3 cm
óleo sobre madeira
col. Museo Torres García
foto: Museo Torres García

Ferroviano, 1921/22
36,5 x 10 x 5,3 cm
óleo sobre madeira
col. Museo Torres García
foto: Museo Torres García



Torres García apresentou seus brinquedos de madeira pela primeira vez na exposição *Brinquedos de Arte* (1918), em Barcelona. As peças logo chamaram a atenção de artistas e intelectuais da época, pela sua originalidade e linguagem estética. Essas pequenas construções geométricas, as quais podem ser facilmente montadas e desmontadas, remetem às primeiras experiências de Torres García com a carpintaria e refletem o interesse do artista pela matéria natural (nesse caso, a madeira).

Por anos, a produção desses brinquedos foi uma das principais fontes de renda da família do artista. No entanto, ainda que buscasse lucrar com as vendas, Torres García tinha um objetivo maior ao criar pequenos ferroviários, carros e animais de madeira. Para o artista, os brinquedos eram uma forma de estimular nas crianças o gosto pela arte e, de certa forma, “educá-las” plasticamente. *Vou colocar toda a minha pintura nos brinquedos; o que fazem as crianças me interessa mais do que qualquer coisa; vou brincar com elas.*¹ Um dos motivos dessa vontade de “brincar” com a arte vem da relação muito próxima do artista com seus quatro filhos: Olimpia, Augusto, Ifigenia e Horacio. Michel Seuphor, escritor, pintor e amigo de Torres García, escreveu, certa vez, que as crianças eram presença constante no ateliê do artista e isso em nada atrapalhava seu trabalho. Pelo contrário, enriquecia-o, *pois eram eles seus principais colaboradores e discípulos.*²

Para pensar

Torres García via nos brinquedos um modo de “educar” plasticamente as crianças. Em sua opinião, os brinquedos de hoje também cumprem esse papel? Por quê?

Faça uma pesquisa sobre os brinquedos mais comuns do século XX. Comece pela década de 1920 até chegar ao ano 2000. Vale perguntar aos avós, tios, pais, pesquisar na internet, etc. Se possível, leve imagens para a sala de aula e discuta com os colegas a respeito do brincar de outras épocas, das diferenças e semelhanças com os dias de hoje.

1 Disponível em: http://www.torresgarcia.org.uy/uc_60_1.html.

2 Disponível em: http://www.torresgarcia.org.uy/uc_79_1.html.





Joaquín Torres García

sem título, 1928
74,3 x 110,5 cm
óleo sobre tela
col. Patricia Phelps de Cisneros
foto: Carlos Germán Rojas

O *universalismo construtivo* de Torres García começa a ganhar forma nas cenas de rua que o artista pinta ao final da década de 1910 e início dos anos 20. No entanto, nelas a tendência construtivista é quase incipiente quando comparada à de obras da mesma temática, que o artista viria a produzir anos mais tarde. Na pintura reproduzida nesta lâmina, as imagens estão distribuídas sobre o plano sem praticamente remeter à noção de perspectiva (para efeito de comparação, é interessante utilizar como referência as lâminas *Calle de Barcelona* e *New York*). Além disso, o artista opta pelo uso de uma paleta que se restringe às cores primárias (amarelo, azul e vermelho) e ao preto, cinza e branco.

Tal sistematização da imagem corresponde ao princípio construtivista que, ao assimilar as transformações do mundo moderno, em especial a industrialização, pressupõe uma arte pautada pela “construção”, e não mais pela “representação”. Porém, como podemos notar na obra de Torres García, a ideia de uma construção plástica que extrapola os limites do plano vem acompanhada do desejo de *alcançar um sentido de harmonia, assim como representar visualmente o homem universal*.¹ Ou seja, ao mesmo tempo em que sempre valorizou os aspectos formais da obra, o artista repudiava a noção de “arte pela arte”. E essa ambiguidade o acompanhou ao longo de toda sua trajetória artística.

¹ Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicex/ternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3850.

Para pensar

Ao tomar como base os princípios da arte construtivista (aqui é necessário que seja feita uma pesquisa anterior sobre o construtivismo, sobretudo o de origem russa), no que a arte de Torres García se diferencia?





Joaquín Torres García

Rue avec maison et nuée blanche, 1928
60 x 73 cm
óleo sobre tela
col. Museo Torres García
foto: Museo Torres García



Rue de l'épicerie, 1928
60 x 73 cm
óleo sobre tela
col. Museo Torres García
foto: Museo Torres García

Após cinco anos vivendo em Nova York, Torres García deixa os Estados Unidos e parte rumo à Europa, em 1926. Já na França, mais precisamente em Paris, depara-se com vanguardas artísticas, que defendem uma *arte abstrata* e questionam os princípios da pintura tradicional. Nesse período, pintores como Theo van Doesburg e Piet Mondrian¹ tornam-se importantes referências para o artista uruguaio.

A forma geométrica, o uso das cores e, principalmente, a estruturação desses elementos no quadro – características presentes na obra desses artistas – apresentam novas possibilidades a Torres García. Em *Rue avec maison et nuée blanche* (Rua com casa e nuvem branca), podemos notar a presença da linha reta (quadrados e retângulos) e a preferência pelas cores primárias. O mesmo visualizamos em *Rue de l'épicerie* (Rua da mercearia). Contudo, ainda que *conectado ao abstracionismo geométrico e às tendências construtivas da arte moderna*², Torres García não acredita em uma arte que propõe um rompimento entre natureza e abstração. Ele mesmo lança a questão: em uma pintura, como utilizar somente formas abstratas, geométricas ou irregulares, quando o objetivo também é expressar sentidos e coisas concretas? É no valor simbólico da forma e no conceito de *universalismo construtivo* que o artista encontrará a resposta para esse dilema.

¹ Artistas holandeses, expoentes da abstração geométrica, que contestaram a ideia de arte como representação. Renunciaram tanto ao espaço tridimensional, como às linhas curvas, texturas e formas ligadas à natureza. Em suas obras, primavam pela figura do retângulo e pelas cores primárias, no sentido de alcançar uma forma universal de apreensão do mundo.

² Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicex/ternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3850.

Para pensar

Discuta com a turma os conceitos de “natureza” e de “abstração” na arte.

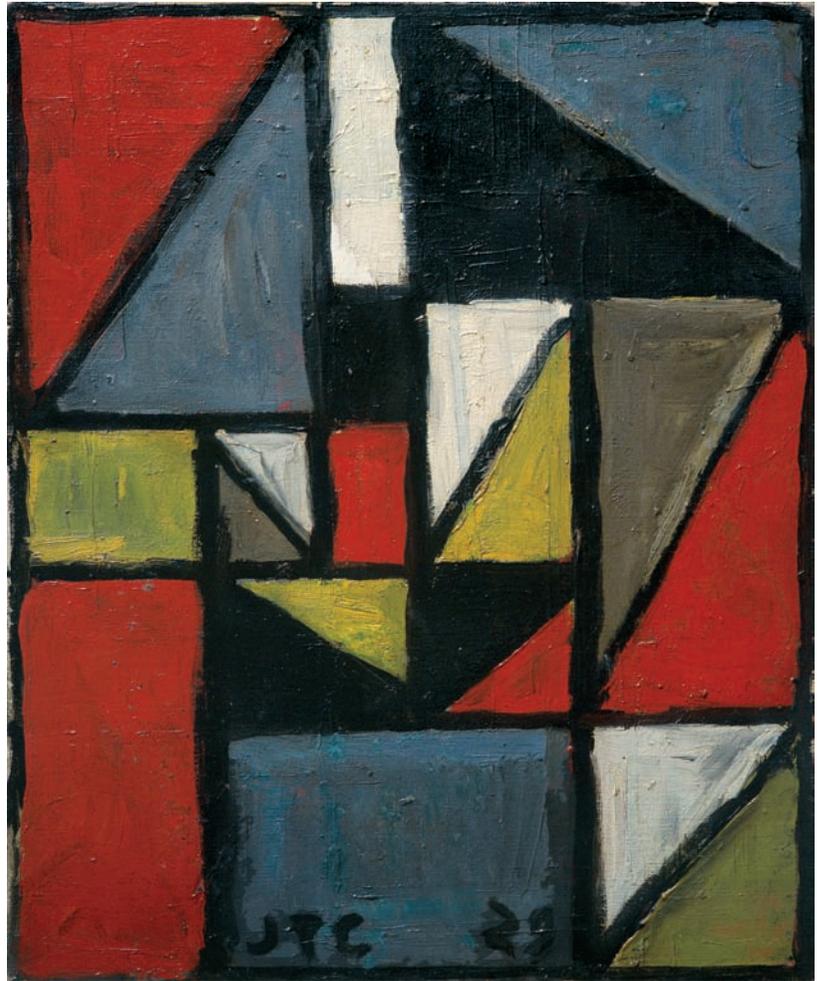




Joaquín Torres García

Estructura con botella roja, 1929
47 x 38 cm
óleo sobre tela
col. Museo Torres García
foto: Museo Torres García

Constructivo en triángulos, 1929
38 x 46 cm
óleo sobre tela
col. Museo Torres García
foto: Museo Torres García



Para pensar

O grupo *Cercle et Carré*, embora tenha durado menos de um ano, foi de extrema relevância para a divulgação da arte abstrata em território europeu. A partir dele, surgiram outros coletivos artísticos, como *Abstracción-Création* e *Réalités Nouvelles*. A criação de grupos, regidos por determinados princípios artísticos, é comum até os dias de hoje. Seria possível criarmos “coletivos artísticos” na turma? Após definir alguns critérios que guiarão a formação dos grupos, estes devem reunir-se e criar uma carta de princípios, na qual deixarão claro suas afinidades artísticas.

Em 1929, Torres García, ao lado do crítico e artista gráfico belga Michel Seuphor, cria em Paris o grupo *Cercle et Carré* (Círculo e Quadrado). Nessa época, a capital francesa já se configurava como um importante pólo da *abstração geométrica* e, portanto, como um contexto favorável à sistematização das ideias sobre o *universalismo construtivo*, propostas por Torres García. *Já não se pinta um quadro, busca-se realizar outra coisa: Uma estrutura.*¹ O destaque dado à construção e à estrutura das obras plásticas, sob forte influência do *neoplasticismo* de Piet Mondrian, fez com que o grupo *Cercle et Carré* fosse de encontro à linguagem do inconsciente e ao irracionalismo preconizados pelo movimento surrealista – de grande repercussão na época.

Uma pintura com um viés arquitetônico sublinha os princípios construtivistas adotados por Torres García, que se vale de uma palheta restrita de cores (as primárias: azul, amarelo e vermelho, além de branco, cinza e preto e algumas cores terrosas). As obras *Estructura con botella roja* e *Constructivo en triángulos* são exemplos de composições em que, por meio da palheta restrita e do princípio de totalidade, podemos visualizar a intenção do artista em “construir” universais por meio da síntese entre ideia e forma.

¹ TORRES GARCÍA, Joaquín. **De lo aparente y lo concreto en el arte**. Montevideo, UR: Asociación de Arte Constructivo/ Taller Torres García, 1947, p. 57.





Joaquín Torres García

Constructif dedique a Manolita, 1930
35,5 x 44,5 cm
óleo sobre cartão
col. Museo Torres García
foto: Museo Torres García

Para pensar

Em sua opinião, o triângulo, o coração e o peixe representam o plano das ideias, o plano emocional e o plano da matéria, respectivamente? O que esses elementos têm de universal?

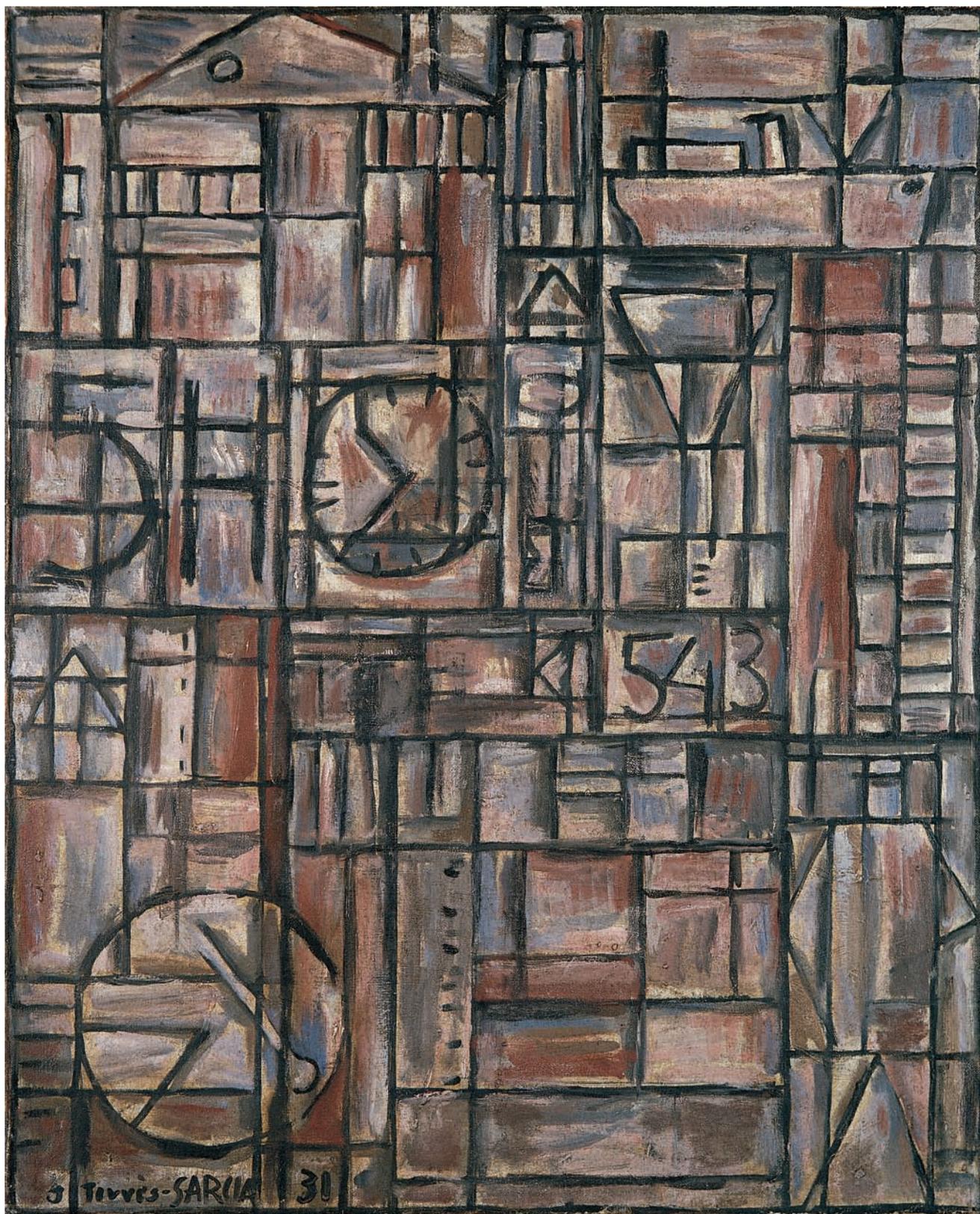
Ao tomar como exemplo outras culturas, discuta com os colegas a questão dos universais. Será que as representações simbólicas têm o mesmo significado em diferentes contextos geográficos? E em relação aos contextos sociais? Busque justificar sua resposta por meio de exemplos.

O *universalismo construtivo* de Torres García caracteriza-se pela busca por uma forma de expressão universal do homem. Em obras como *Constructif dedique a Manolita* (Construtivo dedicado a Manolita – esposa de Torres García), o artista combina a *abstração geométrica* ao uso de símbolos para representar aquilo que acredita ser a essência do ser humano. Dentro de uma estrutura criada a partir de linhas ortogonais e de conceitos matemáticos, Torres García organiza esses símbolos de acordo com os três planos que, em seu entendimento, regem nossa vivência.

O primeiro deles diz respeito ao plano mental, racional. É o mundo das ideias, dos números e das regras geométricas, representado pelo triângulo. O segundo é o plano emocional, da intuição e das relações, aqui caracterizado pelo coração. E finalmente o terceiro, o plano da matéria, representado pelo peixe, que se refere à natureza, à vida animal, vegetal e mineral. Ao utilizar esses signos, Torres García buscou criar uma arte que pudesse ser compreendida por todos os povos em qualquer tempo. A sistematização de palavras, formas geométricas e ícones dentro de uma composição plástica constitui mais do que um estudo sobre questões puramente estéticas. Trata-se da tentativa em formalizar, a partir da pintura, *uma síntese da existência humana no universo*.¹

¹ TORRES GARCÍA, Joaquín. In: TERRA, Fernanda. Traços de Torres García. **Torres García**: traços de Nova York. Rio de Janeiro: Caixa Cultural/ Museo Torres García/ Artepadiã, 2010, p. 22.





Joaquín Torres García

Estructura, 1931
73 x 59,5 cm
óleo sobre tela
Museo Municipal Juan Manuel Blanes
foto: Museo Municipal Juan Manuel Blanes

Para pensar

Uma das intenções de Torres García era unificar o tempo, o espaço e a cultura por meio de sua obra. Para tanto, valeu-se de signos específicos como forma de concretizar tal unificação. Que signos e binômios serviriam para conceber, de alguma maneira, a sociedade contemporânea?

Organize a turma em grupos. Cada um deles deverá escolher uma época específica e pensar em signos e binômios que a represente.

No livro *Razão e Natureza*, publicado em 1932, Torres García afirma que o princípio construtivo de seu trabalho tem um evidente sentido metafísico. Em suas obras, o artista buscou unificar o tempo, o espaço e a cultura, alcançar um sentido de harmonia e representar visualmente o homem universal em todas as suas dimensões: física, intelectual e espiritual. Para tanto, Torres García estruturou suas pinturas a partir de conceitos matemáticos e símbolos, por acreditar que, dessa forma, seria possível produzir uma arte universal, capaz de ser compreendida por todos em qualquer tempo.

Em *Estructura*, assim como em outras obras do artista desse período, logo notamos uma grade geométrica na qual se organizam os elementos que compõem a pintura. O relógio, o homem, o barco e cada uma das demais formas presentes remetem a ideias específicas: a vida moderna, o universo cósmico, a dualidade masculino/feminino e a transcendência do ser humano.¹ A inserção de números faz uma clara alusão às formas geométricas e à matemática, ao passo que um uso bastante particular das cores mostra uma aproximação dos tons terra presentes na cerâmica pré-colombiana. A partir do *universalismo construtivo*, Torres García não se enxerga mais como artista ou pintor simplesmente, mas sim como um construtor que através de meios plásticos busca alcançar a harmonia total em sua obra. Ele afirmou certa vez: *geometria e simbolismo deveriam ser a maneira natural de expressão do artista. Pois foi assim que, ao encontrar todas as peças do quebra-cabeça, pude montá-lo por inteiro.*²

¹ Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3850.

² Disponível em: http://www.torresgarcia.org.uy/uc_62_1.html.

